

DESIGUALDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA

Data de aceite: 01/03/2024

Luciana Helena Silva Rocha

Historicamente, a ciência sempre foi compreendida como uma atividade masculina. A imagem estereotipada do cientista é a de um homem de meia-idade, que usa jaleco branco e óculos, e realiza experimentos “malucos”. Felizmente, essa imagem vem se modificando e aos poucos as mulheres têm ultrapassado barreiras sociais e culturais, se inserindo cada vez mais no meio científico. No Brasil, elas representam 43,7% dos pesquisadores, segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (ALMEIDA, 2022). O número de mulheres com título de doutorado também vem crescendo de maneira constante nas últimas décadas no Brasil, assim como o número de professoras no ensino superior (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015). Porém, o número de Bolsas de Produtividade em Pesquisa, oferecidas pelo CNPq para os pesquisadores que se destacam dentre os mais produtivos do

país, ainda é substancialmente maior entre os homens (OLINTO, 2011), evidenciando uma possível *segregação vertical* entre os sexos.

Diante dessa breve contextualização, o presente ensaio visa apresentar alguns dados de estudos prévios, assim como discutir sobre diferenças de gênero no que diz respeito a alguns aspectos da carreira científica, buscando, com isso, argumentar acerca da importância de fomentar uma constância na discussão dessa temática e de se investir em políticas públicas e sociais que procurem reduzir essa disparidade, propiciando oportunidades para que as mulheres ocupem cada vez mais espaços e, desta forma, possam contribuir cada vez mais com a ciência.

Em um estudo global, Huang e colaboradores (2020) realizaram uma análise bibliométrica das publicações de mais de 1,5 milhões de autores de 83 países, identificados pelo gênero, com publicações entre 1955 e 2010. De acordo com os autores, o aumento da participação feminina na ciência nos

últimos 60 anos, foi acompanhado, paradoxalmente, por um aumento nas diferenças de gênero em produtividade e impacto científico. Os autores ressaltam também que, embora frequentemente se argumente que a desigualdade de gênero na ciência possa ser reduzida se a comunidade fizer esforços para educar jovens meninas cientistas, os achados demonstram que a academia vem perdendo mulheres a taxas alarmantes em todos os estágios de suas carreiras. Isso sugere que somente essa ação provavelmente não seja suficiente para equilibrar tal diferença (HUANG et al., 2020).

Especificamente no Brasil, um estudo realizado em 2009, que avaliou a autoria das publicações brasileiras na base de dados do CNPq entre os anos de 1960 e 2004, verificou que uma vez que os autores brasileiros são ordenados pelo número de publicações, os homens são a maioria entre os 100 autores mais produtivos. Dentro desse grupo, apenas 14% eram mulheres. No entanto, quando essa amostra mais produtiva foi excluída da análise, homens e mulheres apresentaram desempenhos bastante semelhantes, tanto no quesito publicações quanto em índice-h (BATISTA; LETA, 2009). Esses dados levantam algumas questões: as mulheres são consideradas menos produtivas porque ainda são “novas” em alguns campos científicos? Ou será que outras condições por trás dessas diferenças, tais como salário, grupo de pesquisa, infraestrutura, aspectos sociais e culturais respondem, ao menos parcialmente, para tais discrepâncias de gênero existentes ainda hoje?

Ressaltando a importância de se discutir sobre esses assuntos, uma pesquisa recente avaliou a produção científica sobre os temas “carreira” e “gênero” entre 1945 e 2017 dentre as publicações indexadas na base de dados *Web of Science*. Os resultados demonstraram que esses estudos têm aumentado de forma bastante expressiva nas últimas décadas e foi percebida uma mudança no direcionamento de pesquisas sobre carreira e mulheres: o foco inicial em assuntos relativos à família e casamento vem sendo alterado para avaliar formas de ajuste no mercado de trabalho, principalmente sobre como conseguir compatibilizar vida laboral e doméstica (equilíbrio lar-trabalho) (MENDONÇA FRAGA; GEMELLI; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2019).

Quando se avalia especificamente a carreira acadêmica, um estudo realizado com o corpo docente da Universidade Estadual de Campinas traz alguns resultados interessantes acerca de como o sexo influencia na ascensão na academia (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015). De acordo com os achados obtidos, docentes do sexo feminino se concentram em determinadas áreas disciplinares, com menor presença nas ciências exatas e engenharias. Essa participação desigual de homens e mulheres nas áreas de conhecimento é chamada de *segregação horizontal*. Além disso, o nível de carreira em que se encontram também difere entre os sexos e, na maior parte dos casos, as professoras levam mais tempo do que os professores para chegarem ao topo da carreira. Com relação a cargos de gestão:

A análise mostrou que, embora as docentes do sexo feminino tenham chances maiores de ser coordenadoras de graduação, elas estão mais excluídas da coordenação de pós-graduação, das diretorias de faculdades e institutos, da reitoria e do conselho universitário (MARÍLIA; ALMEIDA, 2015, p. 781).

Os estudos acima apresentados reforçam a noção geral de disparidade entre sexos na ciência, em diversos aspectos da carreira, assim como a necessidade urgente de promoção de ações a fim de minimizar tal desigualdade. Algumas políticas públicas já vem sendo adotadas visando uma melhor inserção da mulher na ciência, dentre elas destacam-se o Programa Mulher e Ciência, iniciado em 2005, com o objetivo de incentivar as mulheres por meio de editais de fomento à pesquisa, e diversas ações e projetos que vêm sendo desenvolvidos pelas universidades públicas brasileiras, financiados por diversas fontes, com o objetivo de estimular o acesso de jovens mulheres às áreas científicas (SÍGOLO; GAVA; UNBEHAUM, 2021).

Ainda que esses incentivos sejam relevantes e construtivos, é necessário haver uma mudança global na sociedade que permita à mulher se dedicar mais à carreira científica. O anúncio recente do CNPq, em 2021, que permitiu a inclusão da licença-maternidade no Currículo Lattes, evidencia como as questões sociais e culturais afetam diretamente a jornada das mulheres, assim como sua produtividade científica. Mesmo as mulheres conseguindo se destacar cada vez mais no mundo do trabalho e em suas carreiras, elas continuam sendo as principais responsáveis pelos serviços domésticos e cuidados com os filhos. Esses trabalhos “invisíveis” são, na maioria das vezes, relativizados e descartados em análises de mérito científico e de produtividade, de modo que são comparadas as carreiras de homens e mulheres como se ambos dispusessem, na prática, da mesma disponibilidade e qualidade de tempo para produzir, o que não é verdade, na grande maioria dos casos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. Mulheres na ciência brasileira. **Ciência & Cultura**, v. 74, n. 3, 2022.

BATISTA, P. D.; LETA, J. Brazilian author's scientific performance: Does gender matter? **12th International Conference on Scientometrics and Informetrics, ISSI 2009**, p. 343–353, 2009.

HUANG, J. et al. Historical comparison of gender inequality in scientific careers across countries and disciplines. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 117, n. 9, p. 4609–4616, 2020.

MENDONÇA FRAGA, A.; GEMELLI, C. E.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Cenário das publicações científicas em carreira e gênero. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 13, n. 3, p. 158, 2019.

MOSCHKOVICH, M.; ALMEIDA, A. M. F. Gender inequality in academic careers in Brazil. **Dados**, v. 58, n. 3, p. 749–789, 2015.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, p. 68–77, 2011.

SÍGOLO, V. M.; GAVA, T.; UNBEHAUM, S. Gender Equity in Education and Science: New Challenges in Brazil Today. **Cadernos Pagu**, v. 2021, n. 63, 2021.